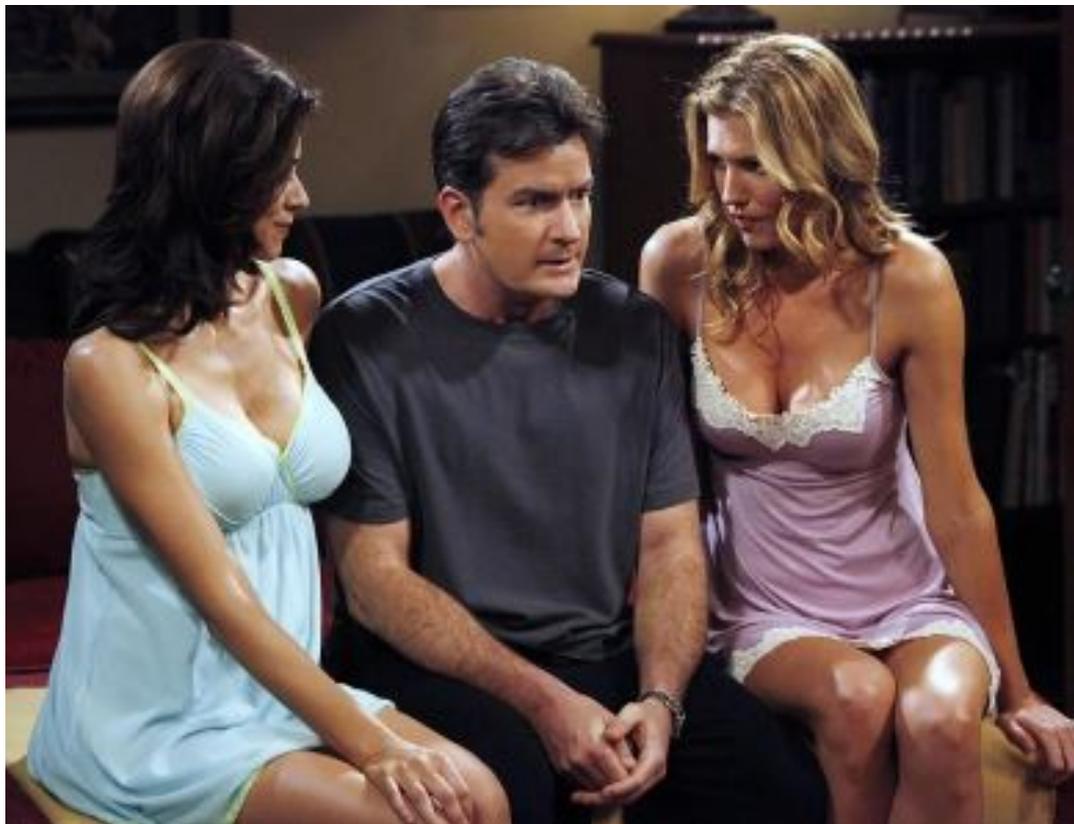


Aprendi com Charlie Harper

O solteirão mulherengo da ficção tem muito mais que uma São Silvestre sexual para ensinar



A vida fácil do personagem com muita mulher, muito álcool e pouco compromisso

FOTO: Two and a Half Men

Por Domênico Massareto

Você conhece a sensação: tá tudo bem, mas também não tá. As pessoas te perguntam como vai e a falta de argumentos não permite que você reclame sem culpa. Eu tinha tudo: a casa confortável dos meus pais, um emprego, um carro e um vazio perturbador.

Tem gente que procura o terapeuta, tem gente que procura o astrólogo. Eu procurei algo pra assistir no cabo e tive a luz: queria ser **Charlie Harper**, o solteirão mulherengo protagonista de **Two and a Half Men**, com a vida fácil de muita mulher, muito álcool e pouco compromisso.

Morar com meus pais não ajudava meu plano, então o primeiro passo foi alugar um apartamento. Como quem não tem Malibu caça de Zona Oeste, lá fui eu pro meu cafofo próprio chamando Rio Pinheiros de Pacífico. O apê não tinha mobília. Nada. Comprei uma cama enorme e confortável - e resistente - e uma geladeira onde guardava água quando lembrava de comprar. Tava montado o ninho pragmático do amor.

Por incrível que pareça o lugar começou a ser rapidamente frequentado por garotas. Não demorou muito pra noite sim e noite também alguém diferente ocupar o lado vazio da minha cama. Aliás, tão rápido que mal senti que estava morando sozinho. A vida começava a imitar a ficção.

Foi mais fácil do que antecipei. Não precisava nem comprar comida, porque as visitas traziam. Estavam cuidando de mim. Uma das garotas me deu um espelho de presente - sim, sequer me dei o trabalho de comprar um espelho pro banheiro quando me mudei. Outra me deu talheres e uma outra ainda me deu uma mini adega. Eu sei, o nome disso é prostituição. E eu tava adorando.

Uma das garotas me deu um sofá. Caraca, pensei, a porra ficou séria. Decidi fazer uma pausa na minha São Silvestre sexual para que eu e aquela garota fôssemos exclusivos por um tempo.

Poucos meses depois recebemos a notícia terrível: a garota estava doente. Me apavorei. Podia fugir, inclusive pensei nisso, mas resolvi ficar ao lado dela pra dar uma força. Eu ia do trabalho pro hospital para vê-la, do hospital pra casa e de casa pro trabalho de novo. Seu sofrimento acabou com a minha vontade de me divertir. Foram quase três anos de uma barra pesadíssima.

Uma noite, chegando em casa exausto, percebi que estava sem papel higiênico. Comecei a chorar. Era o fim da linha. Não tinha mais forças. A garota, que a essa altura era mais amiga que qualquer outra coisa, já estava melhor e, embora tenha sido muito difícil, terminei nosso relacionamento. Me senti culpado. Claro. Devolvi o sofá. Me livre também de todo o resto da mobília dada por garotas das quais omiti minhas reais e péssimas intenções. Doe tudo. O apê voltou a ficar vazio.

Passei um bom tempo na minha. Não queria compromisso nem putaria. Passei a valorizar a solidão e consequentemente a companhia. Comprei minha própria mobília e pela primeira vez na vida estava morando sozinho de verdade e tava tudo bem.

Numa noite solitária assisti de novo o primeiro episódio de Two and a Half Men e, de repente, tudo fez sentido: o irmão e o sobrinho se mudam pra casa do Charlie e atrapalham completamente a vida de hedonismo do cara. Era a pior coisa que podia acontecer. Já mais pro final do episódio ele coloca ambos pra fora da casa e se dá conta imediatamente: a vida sem eles não tem a mesma graça. Charlie Harper me ensinou que a pior coisa que pode te acontecer pode ser também a melhor coisa que pode te acontecer. Me ensinou que embora estejamos sempre atrás do que achamos que vai ser bom, devemos nos abrir para aquilo que realmente precisamos. No meu caso, comprar meu próprio sofá e meu próprio papel higiênico.